

Fazenda descarta "bolha no crédito" com maior demanda

Para Nelson Barbosa, avanço do consumo é compatível com a meta de inflação

ANA CAROLINA SAITO E
VANESSA STECANELLA
SÃO PAULO

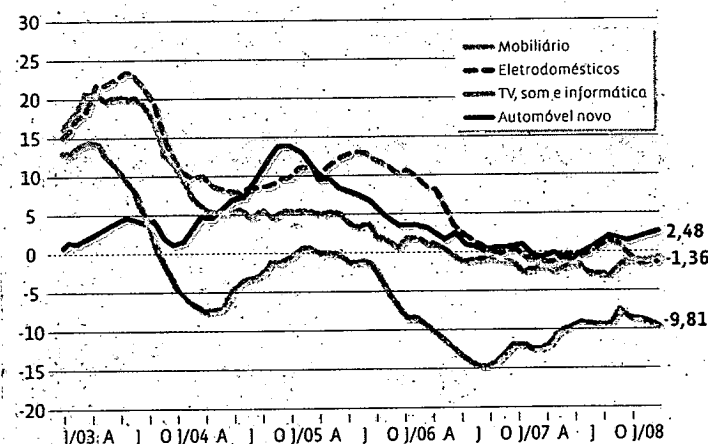
O secretário de acompanhamento econômico do Ministério da Fazenda, Nelson Barbosa, disse ontem que governo não vê risco de uma bolha no crédito, um dos motores para atual expansão do consumo interno. Na sua avaliação ainda, a demanda doméstica está compatível com a meta de inflação de 4,5% e o atual nível de taxa de juros. Há preocupação, por outro lado, com o aumento dos preços dos insumos industriais, especialmente o aço.

Segundo o secretário, ainda há espaço para a expansão do crédito, já que a demanda reprimida por crédito continua alta. Ele resalta ainda que a taxa de inadimplência — que caiu de 4,4% para 4,3% entre 4,4% janeiro e fevereiro, conforme divulgou ontem o Banco Central — continua sob controle. "A demanda doméstica cresce com a expansão do crédito, mas eventualmente ela deve se estabilizar. É natural. Tanto é assim que a previsão de crescimento da economia continua em 4,5%, o que é perfeitamente sustentável do ponto de vista da oferta e compatível com a meta de inflação e o nível dos juros", disse Barbosa, que participou do Seminário Estratégias de Política Macroeconômica, realizado ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), em São Paulo.

Na última segunda-feira, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, descartou a adoção de medidas para conter o crédito. Segundo noticiado pela imprensa no final de se-

INFLAÇÃO DE PRODUTOS INDUSTRIAIS

Variação acumulada nos últimos 12 meses



Fohte: IBGE. Elaboração: MF/SEAE

mana, o principal alvo seria o setor de automóveis, com a redução do número de parcelas de compra.

Para o secretário, mesmo com a crescente demanda, a inflação dos bens de consumo duráveis está baixa devido à penetração de importações. Itens como eletrodomésticos, mobiliário, TV e som apresentam deflação no acumulado de doze meses até janeiro. No caso dos automóveis, a inflação é de 2,48%, mas está bem abaixo da

meta de 4,5%. A preocupação é com o aumento dos custos de produção. "Os industrializados também serão monitorados de perto por conta das variações nos preços de commodities e da valorização do câmbio", afirmou Barbosa.

No setor de serviço, há dúvidas sobre a pressão de preços. Segundo secretário, os custos com serviços pessoais e empregados domésticos desaceleraram de junho para outu-

bro do ano passado. Desde então, as taxas variação voltaram a subir, atingindo 7,9% e 10,1%, respectivamente, no acumulado de doze meses até fevereiro.

Contas externas

Barbosa afirmou o déficit em transações corrente é sustentável. O Brasil acumula no ano saldo negativo de US\$ 6,322 bilhões e nesta semana o Banco Central elevou a estimativa de déficit para 2008 de US\$ 3,5 bilhões para US\$ 12 bilhões. "Se for alto, a taxa de câmbio ajusta. Essa é uma das vantagens do regime flutuante", disse. Segundo o secretário, o desafio hoje é promover as exportações. "Essa é uma das prioridades", diz. Barbosa afirma que o Brasil tem vantagens como exportador de commodities, mas o governo busca a diversificação da produção para que o País fique menos vulnerável a choques internacionais.

Para o economista Yoshiaki Nakano, da FGV, falta ao Brasil um projeto nacional. "Estamos acomodados e aceitando o que os chineses mandam", comenta. Na sua avaliação, a chave é taxa de câmbio.